

# O bacharelado interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia

o que dizem os estudantes?

Ítalo Mazoni  
Lélia Custódio  
Sônia Maria Rocha Sampaio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAZONI, I., CUSTÓDIO, L., and SAMPAIO, SMR. O bacharelado interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia: o que dizem os estudantes. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 229-248. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



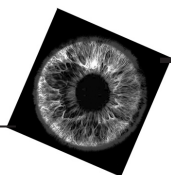
All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

## o que dizem os estudantes?<sup>1</sup>



ÍTALO MAZONI  
LÉLIA CUSTÓDIO  
SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO

*O projeto educativo previsto para os Bacharelados Interdisciplinares versa sobre uma formação acadêmica com plena interação entre as diversas áreas do conhecimento e, dessa forma, rompe com modelos pedagógicos tradicionais, de onde brota um saber compartimentado ou fragmentado que, aliás, já se mostrou e ainda se mostra insuficiente, pois não consegue dar conta da dinamicidade do mundo contemporâneo e dos temas transversais contidos neste.*

Tito<sup>2</sup>, estudante do BI da Universidade Federal da Bahia

O Bacharelado Interdisciplinar (BI) é uma proposta de estruturação acadêmica para a educação superior, que sugere uma reestruturação radical, tanto do formato curricular, quanto dos conteúdos acadêmicos,

- 
- 1 Este trabalho contou com a colaboração do bolsista Ilison Dias, do Programa Permanecer UFBA.
  - 2 Todos os nomes dos estudantes são fictícios, para proteger sua identidade, como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que assinaram, quando disponibilizaram os dados que foram utilizados para a elaboração deste artigo.

com ênfase na interdisciplinaridade e integração de temas relevantes da cultura contemporânea em todas as suas quatro modalidades: Humanidades, Artes, Ciência e Tecnologia e Saúde. Sua intenção é propiciar formação geral humanística, científica e artística, qualquer que seja o campo de saber escolhido pelo estudante. Ao invés de iniciar sua vida universitária a partir da escolha de uma formação específica, os estudantes vivenciam experiências interdisciplinares, podendo, ao final desse percurso, prosseguir seus estudos em cursos de progressão linear<sup>3</sup>, ingressar num programa de pós-graduação de seu interesse ou, simplesmente, interromper ali, sua formação. Além disso, ele pode entrar ou reorientar-se no mundo do trabalho, a depender das competências que tenha adquirido e, evidentemente, dos postos disponíveis.

O acesso a esses novos cursos dá-se através da nota obtida pelo aluno no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Durante o período de inscrição para o vestibular, o candidato deve escolher uma das quatro Grandes Áreas propostas: Artes, Humanidades, Ciência e Tecnologia e Saúde. Posteriormente, caso aprovado, poderá fazer opção por uma Área de Concentração, no início do quarto semestre letivo. A duração mínima do curso é de seis semestres, com conclusão prevista para, no máximo, oito períodos semestrais. O diploma atribuído, após a conclusão do Bacharelado Interdisciplinar, registrará a formação do estudante em uma das Grandes Áreas e, também, aquela realizada em uma das Áreas de Concentração, caso o aluno tenha integralizado seu currículo com esta última opção.

Para Almeida Filho (2007, p. 11), as novas modalidades de cursos abrangem *as grandes áreas do conhecimento correspondentes às três culturas que estruturam os saberes e práticas do mundo contemporâneo. A Formação Geral dos BI contempla: a) Cultura Humanística; b) Cultura Artística; c) Cultura Científica.* A cultura humanística busca novas e amplas definições sobre Humanidades, nos sentidos ecológico, político, de desejo e de cibernundo. A cultura artística contempla tantos as estéticas da

---

3 20% das vagas dos cursos de progressão linear da UFBA estão reservadas para estudantes egressos dos Bacharelados Interdisciplinares.

atualidade quanto as que já pertencem à tradição nesse campo. A cultura científica caracteriza-se pelo desenvolvimento científico e tecnológico, ética, epistemologia, metodologia, raciocínio quantitativo, entre outros. Nesse sentido, a educação superior seria reculturalizada e, conseqüentemente, a universidade reinventada. Ainda para esse autor, o BI também visa combater as alarmantes taxas de evasão da universidade brasileira, com a escolha mais consciente da formação profissional pelo estudante, dissuadindo uma profissionalização precoce e promovendo a diversificação acadêmica e laboral.

Em resumo, o BI teria, como metas e desafios, o aumento da oferta de vagas na educação superior, com maior inclusão social; o adiamento das escolhas profissionais, com o intuito de impedir prejuízos individuais e institucionais; a diminuição das taxas de evasão; um regime curricular flexível, que permite ao estudante compor parte significativa de sua formação, maior mobilidade intra e interinstitucional, interdisciplinaridade, integração entre os componentes curriculares, expansão na base dos estudos, com maior contato com as culturas da contemporaneidade, além de provocar reformas curriculares na formação profissional e acadêmica, visando maior eficiência da universidade pública.

Assim, é possível afirmar que o Bacharelado Interdisciplinar é uma nova forma de compreender e atuar na educação superior. As intervenções interdisciplinares sobrepõem-se às antigas práticas pedagógicas da academia, permitindo ao estudante uma formação ampla, diversa e mais ajustada à realidade complexa da vida contemporânea. Tudo isso exige um esforço institucional consistente e de longo prazo para se consolidar, na medida em que essas ideias e propostas são ainda contra-hegemônicas e sofrem resistência no interior mesmo da instituição universitária. Larrosa (2000, p. 07) nos ajuda a pensar sobre a necessidade de mudança:

[...] creio que para além ou para aquém de saberes disciplinados, de métodos disciplináveis, de recomendações úteis ou de respostas seguras; para além mesmo de idéias apropriadas ou apropriáveis, talvez seja a hora de tentar trabalhar no campo pedagógico pensando e escrevendo de uma

forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria. O discurso pedagógico dominante, dividido entre a arrogância dos cientistas e a boa consciência dos moralistas, está nos parecendo impronunciável. As palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. E, cada vez mais, temos a sensação de que temos de apreender de novo a pensar e escrever, ainda que para isso tenhamos de nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem).

Outras universidades públicas, além da UFBA igualmente repensam suas opções curriculares, a exemplo da Universidade Federal do ABC (UFABC) e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Apesar do modelo ser uma novidade no Brasil, em universidades norte americanas e europeias, essa transversalidade de saberes, guiada por uma forte preocupação com a formação geral dos estudantes, já está presente na educação superior, ressalvadas eventuais diferenças formais e operacionais, como entre os modelos americano e o modelo europeu de Bolonha, de 1998.

A preocupação central deste texto não se prende a justificar ou discutir, do ponto de vista teórico, a inovação pedagógica pretendida pelos Bacharelados Interdisciplinares, implantados na UFBA, em 2009. O que ele pretende é trazer à tona as preocupações, vivências, desejos e opiniões dos estudantes matriculados nesses novos cursos da UFBA, através de depoimentos escritos que eles nos forneceram, ao longo dos dois semestres do componente curricular Estudos da Contemporaneidade I e II, no primeiro ano de funcionamento do novo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Prof. Milton Santos, que abriga os BI.

No momento em que se implantam inovações pedagógicas e curriculares em nossa universidade, pensamos que é de central importância compreender como o estudante optou pelo BI, quando não havia experiência social anterior em que se apoiar para tomar uma decisão tão importante quanto difícil: a escolha de um caminho a seguir na educação superior. Esta foi, precisamente, a primeira questão sobre a qual eles

escreveram relatos. A segunda demanda colocada aos estudantes foi a de que eles comentassem, livremente, como transcorreu o semestre, não apenas tomando como base aquele componente curricular específico – Estudos da Contemporaneidade – mas o conjunto dos componentes cursados, as relações com os professores e suas inquietações relativas ao curso. Os relatos foram lidos, agrupados tematicamente e, para informar este trabalho, selecionamos trechos de depoimentos que dão conta das dimensões mais importantes consideradas pelos estudantes.

## A ESCOLHA DO NOVO

O ingresso no ensino superior brasileiro, desde seu estabelecimento em 1808, está reservado a uma pequena parcela da população, composta majoritariamente por camadas médias e pela elite econômica. (ROMANELLI, 2005) Depois de dois séculos decorridos de história, a massificação da educação superior ainda é uma realidade distante em nosso país.

Esta conjuntura, cristalizada ao longo da história brasileira, tem sido alvo de sucessivas tentativas de reconfiguração, principalmente a partir da segunda metade do século XX. A mais recente destas iniciativas é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior. Aderindo a este programa, no ano de 2009 é que a UFBA passa a oferecer os Bacharelados Interdisciplinares, como uma nova opção de formação universitária de graduação.

Ora, sendo o acesso à universidade pública, para o jovem brasileiro, uma meta difícil de ser alcançada, seja por conta do reduzido número de vagas existentes, seja em decorrência das disparidades econômicas e sociais que submetem muitos deles, a existência de uma nova modalidade de ingresso no ensino superior certamente trouxe dúvidas, mas, também, esperanças:

O maior sonho na minha vida era entrar na Universidade Federal da Bahia por três motivos: primeiro porque não tinha condições de pagar uma faculdade privada, segundo porque para ser aluno [da] federal é privilégio para poucos, devido ao alto nível de ensino, concorrência, infraestrutura, e, terceiro, porque é uma faculdade valorizada no mercado. Porém, para realizar esse sonho, foi preciso eu caminhar muito, pois passei pelo processo seletivo quatro vezes e somente na quinta que consegui chegar nessa vitória. Sou aluna [de] escola pública e tenho que estudar três vezes mais que um aluno que vem de uma boa escola, pois é muito difícil entrar em uma universidade onde você concorre [a] uma vaga com fortes concorrentes... Logo que terminei o primeiro semestre, agradei a Deus por ter passado por essa etapa, que não foi fácil, afinal caloura, inexperiente, as dificuldades foram imensas. Mas, no final do processo, quando você faz a retrospectiva e vê que venceu essas dificuldades, é só alegria, explosão de sentimentos que não dá para explicar.<sup>4</sup> (Tânia)

Parece clara também a opção pelo BI como forma de driblar as dificuldades impostas pela acirrada concorrência do vestibular, visto que, em seu primeiro processo seletivo, a prova fora diferenciada, eliminando a segunda fase para os candidatos a essa modalidade de curso. Já em 2010, o vestibular foi totalmente substituído pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para o ingresso:

[...] consegui abrir a página [da UFBA] que mostrava as propostas do BI. Achei interessante e resolvi que faria vestibular para Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Com as suas grandes vantagens, como, por exemplo, o horário do curso [noturno], a duração e diferenciação na prova, que seria de fase única e tinha a redação no lugar da língua estrangeira. (Mário)

Com a escolha do BI, ainda teve outros aspectos que se deram para a fundamentação desta escolha, tais como: maior facilidade na prova do vestibular, pois não me sentia tão preparado

---

4 Os depoimentos foram editados, apenas no sentido de trazer mínima correção gramatical aos trechos selecionados.

assim, para enfrentar duas fases; pela Universidade estar dando a oportunidade, oferecendo um curso noturno, oferecendo a oportunidade para que pudesse trabalhar no turno oposto, enfim este curso me trouxe muitas expectativas. (Carlos)

Outro aspecto recorrente entre os relatos, no que concerne ao processo de escolha pelo BI, é o fato do curso oferecer um grande número de vagas no período noturno. No documento de diretrizes gerais do REUNI (MEC/SESu, 2007), na sessão “Diagnóstico da Educação Superior Brasileira”, onde são apontados alguns aspectos da estrutura de funcionamento do ensino superior, é enfatizado o fato de que “espaços físicos das unidades universitárias registram, não raramente, considerável ociosidade no período noturno”. Isso é particularmente grave em relação à UFBA, que permaneceu, como única instituição de ensino superior federal do Estado da Bahia, por quase duzentos anos. A UFBA ofereceu seu primeiro curso noturno em 1999 (Licenciatura em Física), sendo que somente em 2007, outro (Licenciatura em Geografia) foi aberto, antes da adesão da instituição ao REUNI:

[...] Ano passado como de costume, abri a página da UFBA para ao menos sonhar, pensava que um dia conseguiria trabalho que [me] permitisse estudar, só que, para minha surpresa, lá estava o anúncio de cursos noturnos na UFBA, e de uma modalidade nova que me permitia estudar integralmente a noite [...]. (Elias)

É preciso considerar, quando se quer compreender os possíveis caminhos que levaram estudantes a optarem pelo BI, as dificuldades enfrentadas pelos jovens que concluem o ensino médio e devem escolher, com poucos ou nenhum elemento, uma profissão. Esta imposição, que é uma realidade do modelo educacional brasileiro, acarreta uma graduação voltada à profissionalização precoce e especializada:

Altos índices de evasão de alunos, descompasso entre a rigidez da formação profissional e as amplas e diversificadas competências demandadas pelo mundo do trabalho e, sobretudo, os novos desafios da sociedade do conhecimento. (MEC / SESu, 2007, p. 08)



A esse respeito, vale lembrar um trecho do Parecer CNE/CES nº. 329 de 11/11/2004, citado no Termo de Referência de adesão da UFBA ao REUNI:

O Brasil soube escolher o pior dos dois mundos possíveis. Dotado de ensino médio bastante frágil, optou pelo modelo de profissionalização precoce, que deixou indelével rastro na sociedade brasileira durante o século XX. Meninos e meninas, de 17 anos, às vezes menos, precisam decidir se serão médicos, advogados, professores, economistas, cientistas, filósofos ou poetas, opção que lhes assombrará todo o percurso de estudos universitários. O brasileiro que vai à universidade precisa ter certeza sobre seu futuro profissional, sua escolha de campo de saber ao qual dedicará maiores esforços, quando ainda nem finalizou adequadamente sua preparação para entender o mundo das distintas ciências, dos variados saberes. O candidato à educação superior precisa saber que profissão terá, antes mesmo de claramente entender a complexidade do mundo do conhecimento. É candidato à profissão antes de ser candidato ao saber. (Parecer CNE/CES nº. 329 apud UFBA, 2007)

Assim é compreensível que a escolha por um BI esteja carregada de uma sensação de “liberdade” e da evidente possibilidade de amenizar a angústia produzida por uma imposição do ponto de vista da destinação vocacional do futuro estudante universitário:

Uma coisa me chamou muita atenção, que é a liberdade dada ao estudante para mergulhar em vários campos do saber, e nesse contexto, poder escolher aquilo que mais lhe convém, o que mais lhe interessa. Foi então que resolvi prestar o vestibular para o BI em Humanidades. (Nilton)

[...] a proposta dos Bacharelados Interdisciplinares permite ao estudante conhecer e circular entre as diversas áreas do saber, a fim de torná-lo maduro o suficiente para a escolha que terá de tomar. Essa experiência de circular entre as variadas áreas objetiva preparar esse futuro profissional para o mercado de trabalho de um mundo contemporâneo, visa também transformá-lo em um profissional mais completo, mais culto e mais humano. (Luiz)

A interdisciplinaridade, definida no projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares (2008), como “o estabelecimento de nexos significativos entre os campos disciplinares” (p. 14) foi considerada importante pelos estudantes, ao confirmarem sua escolha pelo BI. A possibilidade da integração de conhecimentos e a proposta de modelos pedagógicos mais condizentes com a realidade contemporânea mostraram-se decisivas na preferência pelo BI pelos estudantes:

Era poder ter a oportunidade de estudar disciplinas em um só curso; era unir a minha paixão por biologia com arte; era formar de modo interdisciplinar, ganhar experiências para poder julgar o interessante ou não nos outros cursos; era poder escolher uma profissão, não somente estudando suas especialidades, mas aprender a enxergar seus outros horizontes, poder resolver um problema sobre formas diferentes, não ser uma parte e sim um todo. (Alice)

Percebi que através da interdisciplinaridade, onde a arte, as ciências, as humanidades estão juntas, o ser humano encontra oportunidade de desenvolvimento de suas potencialidades. Reconheço que o Bacharelado Interdisciplinar vem contribuindo decisivamente para o meu crescimento humanístico e intelectual. O nível elevado de criticidade e compromisso de alguns professores inspiraram-me a seguir buscando o aperfeiçoamento da minha pesquisa e prática enquanto aprendiz e aprendente. (Leandro)

## AS NOVAS VIVÊNCIAS

Após vencerem o desafio da escolha pelo BI, o processo seletivo e a fase de apresentação de documentos, os primeiros alunos ingressantes tinham outra tarefa: a de colaborar para a consolidação do novo curso. Tarefa nada fácil, considerando todo o processo antecedente à sua criação, cheio de momentos conturbados, como nos diz, o então Reitor da UFBA, em publicação com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, sobre a inovação na universidade:

O REUNI sofreu intensa oposição de parte do movimento estudantil. Em 25 universidades federais, houve tumulto

e violência em reuniões de Conselhos Universitários; 14 Reitorias foram invadidas; 9 dessas ocupações somente terminaram mediante emissão de mandados judiciais de reintegração de posse. Em nossa Universidade Federal da Bahia, manifestantes tentaram, sem sucesso, impedir reuniões do Conselho Universitário, agendadas para deliberar sobre a implantação do Programa em nossa universidade. Inconformados com a decisão majoritária do Conselho e das Congregações de 26 das 30 unidades de ensino que compõem a UFBA, ocuparam a Reitoria. Apesar da reação, no prazo, todas as 54 universidades federais brasileiras aderiram ao Programa REUNI. (SANTOS; ALMEIDA-FILHO, 2008. p. 189)

Evidentemente esta é uma versão dos fatos e, até por interesse histórico, é preciso compreender os protestos ocorridos em 25 universidades brasileiras contra a nova proposta; contudo, neste trabalho, não cabe esta análise, sendo esta lembrança apenas um registro do clima no qual os estudantes do BI ingressaram na UFBA, possibilitando melhor aproximação dos sentidos expressos por eles sobre o momento inicial do curso.

Bacharelados Interdisciplinares. Quem um dia poderia imaginar algo deste tipo? É verdade, poucos imaginavam e até mesmo eu custei a acreditar. Mesmo com toda a insegurança que inicialmente rondava a minha cabeça, cá estou eu, fazendo um dos BI. (Maria Catarina)

Apesar das dificuldades de implementação do BI, de estarmos no cerne das polêmicas de toda a instituição e de conviver dia a dia com a incerteza quanto às áreas de concentração, sobre a continuidade do curso nesse ou noutro local e a falta de orientação profissional sobre o que faremos depois da conclusão do curso, sinto-me feliz em ter a oportunidade de ter acesso ao conhecimento que nos foi negado, durante décadas, [n]esse país que sempre privilegiou as classes mais abastadas. (Jorge)

Quando passei no vestibular foi muito complicado, porque todos ficavam perguntando que curso eu tinha passado e quando eu respondia, diziam: O que é um BI? Você não queria Medicina? Para que serve isso? Confesso que demorei um

pouco para me acostumar com isso, e desenvolvi um sentimento de frustração. (Antônio)

O pioneirismo dos estudantes do BI está marcado pelos conflitos inerentes à mudança, ao fato de frequentarem não apenas um curso novo, mas uma nova e desconhecida modalidade de ensino superior, ainda ignorada na sociedade brasileira. Assim aparecem em seus relatos críticas e preconceitos sofridos relativos à sua escolha pelo BI.

Socialmente ainda somos muito rejeitados, muitos não valorizam o nosso curso e acredito que isso foi pivô para que muitos colegas desistissem. Porém, eu tenho certeza que fiz uma boa escolha, e o que, no começo, pensava que seria apenas uma ponte, hoje tenho consciência que é um curso que me fará uma profissional mais humana e preocupada com o social, [melhor] do que muitos formados pelo sistema linear. (Mariana)

[...] fora da universidade existe um forte preconceito contra o curso, por muitas vezes fui interrogada em outras instituições, com perguntas do tipo: “Quando vocês se formarem onde vão trabalhar?” “Qual o caminho [a] seguir depois de decorrido os três anos do curso?” Foram tantas outras piadinhas sobre o projeto do bacharelado... Parece que as pessoas se incomodam com o curso, não entendem seu projeto, sua finalidade. (Mariana)

Como lembram Santos e Almeida-Filho (2008, p. 40), quando discutem a crise da universidade pública

O conhecimento universitário – ou seja, o conhecimento científico produzido nas universidades ou instituições separadas das universidades, mas detentoras do mesmo ethos universitário – foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar [...].

Assim, quando uma proposta como a do BI é apresentada a um contexto acadêmico historicamente rígido, hierárquico, e com pouca familiaridade com os conceitos de interdisciplinaridade, as contradições e conflitos de adaptação tornam-se inevitáveis:

[...] o IHAC ainda está meio ilhado em relação ao restante da universidade... estamos imersos em um curso novo, e por isso todos os docentes e discentes estão tentando se adequar às propostas vigentes, e claro que por isso, estamos constantemente nos deparando com dificuldades, principalmente porque os demais cursos da UFBA ainda não estão familiarizados conosco. (Manoel)

[...] Sei que muitos dentro da UFBA olham para os BI com maus olhos. Tanto docentes quanto discentes, por não conhecerem a proposta do BI, torcem o nariz para nós. (Maria Carolina)

Estas contradições foram inclusive observadas em relação ao processo pedagógico aplicado ao BI, que privilegia “práticas pedagógicas inovadoras e mais compatíveis com as características cognitivas de indivíduos de uma Sociedade do Conhecimento de base tecnológica”. (UFBA, 2008, p. 30)

No segundo semestre o curso está sendo oferecido de forma prazerosa, e às vezes não. Muitos professores são competentes e capazes de brilhar no seu ensino, tentam conduzir uma pedagogia renovadora, transformadora, outros não sabem por que estão assumindo a sala de aula de um curso novo. (Sandra)

Torna-se preocupante e incoerente a relação “Universidade Nova”:

Pedagogias velhas é claro que não podemos atribuir [isso] a todos os professores do quadro do BI. Sempre gosto de ficar no papel de observadora, principalmente das posturas pedagógicas de professores que estão inseridos na proposta inovadora metodológica do BI e continuam com a tradição do ensino bancário, tenho observado posturas ainda autoritárias em que o aluno deve ficar no papel passivo no processo ensino aprendizagem... Sabemos que tudo é um processo e quem sabe no papel de beija-flor, em que cada professor possa fazer a sua parte ajudando [a] apagar o incêndio na floresta (transformar a educação institucional) quem sabe um dia conseguiremos estabelecer uma educação de nossos sonhos. (Rosana)

[...] havia alguns professores que não haviam se enquadrado no perfil dos BI e traziam arraigados em suas aulas a mesma forma de ensino arcaica e linear da UFBA tradicional e outros que eram verdadeiros mestres no ofício do ensino. (José)

É uma nova e inteira realidade que requer um novo olhar do mestre, um novo fazer pedagógico, uma nova postura diante da realidade: livre dos preconceitos, das opiniões pré-fabricadas. O aluno, mais que antes, deixa de ser tábula rasa, ele traz saberes, traz percepções, traz vontades, enfim o aluno do BI deve representar a oportunidade de reciclarmos, todos, professores e discentes, as nossas posturas a nossa relação com o conhecimento. Num mundo em que o conhecimento se adquire por vias múltiplas e com a espantosa velocidade nos leva a entender que é preciso perceber a descentralização do papel do mestre. (Igor)

Os Bacharelados Interdisciplinares atraíram um conjunto extremamente diversificado de estudantes. Estão presentes jovens, adultos, pessoas maduras, os que visam o ingresso nos cursos tradicionais ou ainda pessoas em busca de ampliar seus conhecimentos, sem intenção de se profissionalizar ou reorientar suas carreiras:

O BI demonstra uma nova realidade que, talvez a Nova Universidade ainda não tenha aprendido como lidar. Ao contrário de outros tempos, o perfil do alunado é mais complexo em todas as dimensões; a faixa etária é menos homogênea, devendo-se dar oportunidades a jovens e menos jovens; as formações são as mais diversas, o que exige um maior cuidado na informação, as origens sociais e econômicas, de igual forma, variadas, enfim, qualquer que seja o recorte que façamos, encontraremos as diferenças. E quando se trata de diferenças desta ordem é preciso que também sejam adotadas, em sala de aula, práticas diferentes daquelas consolidadas como efetivas e funcionais. (Josiane)

Quanto às pessoas que encontrei por aqui, isso foi o que mais me impressionou. Nunca me imaginei encontrar com pessoas tão diferentes, em todos os sentidos, num curso como esse. Eu imaginava ver tantos [muitos] jovens, mas

acabei encontrando gente de todas as idades. Tenho colegas já formados em outro curso, às vezes até mais de um curso. Tem até professor de pós-graduação fazendo BI. Tem pais e mães de família, avós, ricos, pobres, estudantes recém-formados do colegial, advogados, secretárias, dentistas, professores, enfermeiros. Todos muito corajosos de entrar de cabeça nesse novo projeto que a UFBA pretende, no futuro, aplicar para todos os novos estudantes. (Marília)

No texto do projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares (UFBA, 2008), a educação superior é apontada como “vanguarda da produção, disseminação e inovação do conhecimento elaborado, em todas as suas manifestações”, contudo o mesmo texto nos lembra que estas instituições

continuam praticando modelos de formação humana e profissional concebidos para modelos de sociedade que dão sinais de exaustão, ou simplesmente desapareceram. Tornam-se, desse modo, incompatíveis com as novas configurações da chamada Sociedade do Conhecimento e, por consequência, Sociedade da Educação. (UFBA, 2008, p. 11)

Assim a busca por inovações no processo de ensino e aprendizagem aparece como uma busca constante no cotidiano dos alunos do BI, fazendo com que estes exercitem um extenso e profundo olhar crítico sobre o mundo que os cerca. Neste contexto, os professores parecem também aprender com os alunos, desconstruindo o lugar de detentores exclusivos do saber.

Com isso, o componente curricular Estudos Sobre a Contemporaneidade II traz experiências variadas e importantes, não só no sentido de conteúdos, mas referente a dar ênfase ao transdisciplinar e multidisciplinar; um outro ponto é o destaque dado [ao] aluno, para que ele possa falar o que pensa diante de determinado assunto, traga suas impressões e opiniões, e isto mostra uma postura adequada da professora e uma reformulação que se pretende na universidade nova; e isto é seguido por todos os docentes que tenho nes-

te semestre. É fundamental que cada estudante esteja consciente e engajado na proposta de um novo ensino, e ciente da relevância de fazer “links” e ser autônomo no processo de aprendizagem. Quer vivência mais gratificante que esta que foi citada? (Jader)

Só consigo expor o melhor de mim quando tenho liberdade de expressão e tempo livre para pensar [...] A aula dela é mais light e sua metodologia de ensino é diferenciada. Ela busca afastar-se um pouco do modelo tradicionalista, em que o professor retém todo o conhecimento e ocupa posição central frente a seus alunos, que tudo têm a aprender. A primeira alteração notória é a disposição com que arruma a sala de aula. É feito um semicírculo, dispondo os alunos uns de frente para os outros, a fim de que todos se vejam, incluindo a professora. Esta nos orientou que esse “cenário” nos remete à ideia de que, apesar do professor representar uma autoridade em seu ambiente de trabalho, ele é aprendiz como todos ali são e estes podem transmitir seus distintos saberes, a fim de acrescentar à realidade do outro. (Kátia)

Todo este contexto de mudança e inovação revela-se líquido, cheio de indefinições. A julgar pelo que dizem os estudantes, a implantação de uma nova arquitetura acadêmica, no seio de uma instituição sexagenária como a UFBA tem se mostrado um desafio para a administração central e uma fonte de incerteza e insegurança para os novos alunos. Questões vitais sobre o funcionamento do BI, tais como aquelas a respeito de como se daria o ingresso dos alunos do BI nos cursos tradicionais, caso optassem por essa via, ainda eram, à época da elaboração dessas narrativas, motivo de grande inquietação.

Existe ainda uma grande brecha nos Bacharelados Interdisciplinares, muitos pontos precisam ser fechados. Por exemplo, a forma como se dará o ingresso nos cursos de extensão [progressão linear] ainda é uma grande incógnita. Muitas dúvidas ainda nos cercam. Mas acredito que até o final desse semestre conseguiremos fechar tudo que está em aberto. Até porque novos alunos entrarão em 2010.1 e serão ainda mais pessoas buscando e cobrando respostas. (Luiz Alberto)



Espero que no semestre que vem muitas coisas tenham melhorado e que os coordenadores do BI já tenham respostas para todas as nossas dúvidas, como: Qual será a forma de entrada nos cursos de progressão linear, vai ser por score ou por prova? Ou até mesmo responder se realmente irá ter cotas na passagem do BI para os cursos lineares. Essas e outras questões precisam ser resolvidas o mais rápido possível, pois vai ser a partir delas que eu vou decidir se continuarei ou não no BI. (Paulo)

Estas indefinições aliadas a toda conjuntura interna e externa relacionada aos BI, já descrita ao longo deste artigo, produziram em estudantes uma sensação de desamparo e receio em relação ao futuro, alimentando inclusive os índices de evasão:

Quando o BI será um curso que realmente os alunos possam vivê-lo de uma forma mais “tranquila” sem ficar o tempo todo se interrogando: ‘E aí como vai ser a grade do próximo semestre?’ ‘Já decidiram os critérios de seleção para as áreas de concentração?’ ‘E quanto aos cursos profissionalizantes, como será a nossa entrada?’ Talvez, quando esse momento chegar, os colegas comecem a pensar menos em abandono, e a enfrentar o terrível preconceito que sofrem por serem alunos do BI, ‘os ratinhos de laboratório’, assim nos chamam por aí, teremos mais certezas e mais maturidade para explicar e argumentar sobre nosso curso e, conseqüentemente, estaremos mais preparados para lidar com esse preconceito. (Antônio)

Aproximadamente [há] umas três semanas ou mais, vários discentes se questionavam sobre o BI, sua formação enquanto profissional, o medo de perderem seu tempo em algo que não tinha muita coisa definida e as respostas cobradas por familiares, amigos e parentes. Vi pessoas chorarem. (Tomás)

Um fato que me chamou a atenção nesse segundo semestre foi o índice de desistências nas turmas de saúde, o que é reflexo da incerteza e da insegurança de um futuro que ainda nos parece tão incerto. (Antônio)

## PARA FINALIZAR

A ideia de uma contradição ou mesmo antagonismo entre formação ou educação geral e formação especializada, profissional, só pode ser compreendida pelo estudo do desenvolvimento da instituição universitária ao longo de sua história, iniciada no Renascimento do século XII. O binômio ensino-pesquisa da universidade humboldtiana e o caráter cartesiano e instrumental da universidade napoleônica francesa subordinam as funções da universidade relativas ao conhecimento, no sentido largo, à função de formação profissional focada em um campo especializado do saber.

Assim, um estilo pragmático e imediatista assume, especialmente a partir do século XIX, a dianteira do foco dessa instituição, impulsionado por mudanças sociais que exigem profissionais preparados e capazes de acionar tecnologias que respondam às exigências de “progresso” e “desenvolvimento” num mundo que se industrializa de forma veloz. Esse movimento, que atende a uma compreensão de homem que engendra o sujeito moderno, capaz de impessoalidade e neutralidade, deverá afastar da universidade seu caráter especulativo e metafísico anterior, dando lugar a um discurso que se apoia no conhecimento objetivo e racional. Tudo o que não se enquadra nessa lógica matematizada é excluído do saber científico e, portanto, não mais faz parte da formação dos indivíduos que buscam universidades como espaço formativo.

Convivemos com um estilo de educação superior que ainda prioriza a especialização via formação profissional deixando à própria sorte os jovens que têm por missão formar no sentido mais amplo:

[...] as universidades, com sua cultura profissionalizante histórica, continuam imaginando ou fingindo que a formação cultural de seus ingressantes, adquirida no ensino médio, teria sido satisfatória [...] A maioria deles não teve educação geral adequada no ensino médio e provavelmente não a terá na universidade, o que não os impedirá de [...] sair dela ‘treinados’ como bárbaros especializados, ansiosos para ingressar no mercado de trabalho. (SANTOS FILHO, 2007, p. 19)

É no período da vida universitária que os estudantes têm uma das melhores possibilidades de confronto com a riqueza do conhecimento humano materializado pelo tripé ciência, cultura e arte. Ainda que prossigam sua formação e optem por uma das vertentes do saber especializado, se forem expostos à diversidade do que foi produzido por diferentes sociedades, ao longo de nossa história, o foco profissional adotado será enriquecido dando mais oportunidade a uma movimentação social alicerçada em valores coletivos, em proveito do homem. A realidade do segundo ano de funcionamento dos Bacharelados Interdisciplinares do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos da UFBA, em que pesem todas as dificuldades, confirma o acerto de sua proposição e implantação. A fala dos estudantes pontua esse acerto, ainda que a insegurança a respeito do futuro apareça em suas falas. Essa insegurança, é bom lembrar, deve-se não apenas ao fato do BI ser uma proposta ainda debutante. O olhar suspeito, de dentro e de fora da universidade, que cobra uma coerência desse projeto a uma lógica que lhe é estranha – a profissionalizante – corrobora para esse sentimento que, entretanto, conta com uma cultura, nascente, não hegemônica, mas partilhada por muitos dos seus idealizadores, professores, gestores e estudantes, para conseguir se firmar.

No cenário de nossa universidade, ainda são inúmeros os entraves, preconceitos, rotinas estabelecidas historicamente que se contrapõem à adoção de uma nova lógica de formação dos estudantes. Os procedimentos burocráticos e administrativos precisam ser ajustados e alguns totalmente modificados, como os relativos ao cardápio de componentes curriculares ofertado a cada semestre. Se a oferta é pouco diversificada, ela não permite que o estudante desenvolva itinerários próprios, forçando-o a adotar percursos pouco flexíveis, o que contradiz a proposta original dos BI. Mas isso depende do engajamento das unidades, quase todas disciplinares, para que a formação geral, materializada pelos BI, faça parte do seu cotidiano. Dessas unidades também depende a definição de novas áreas de concentração que ampliem links com o

conhecimento mais especializado e o acolhimento aos estudantes que decidirem seguir um curso de progressão linear.

Uma pedagogia universitária que privilegie a inovação deve ser desenvolvida e se impor como horizonte que favoreça a experimentação e a adaptação de procedimentos às novas tecnologias disponíveis. A ideia do privilégio à formação docente *in situ*, em oposição à lógica *in vitro*, substitui a compreensão de professores sendo formados por outros que desconhecem as características de seus espaços de aprendizagem. A experiência em curso, de planejamento e avaliação cooperativa dos cursos, é crucial para o desenvolvimento da proposta. Os depoimentos dos estudantes pontuam, com insistência, a importância do mundo da sala de aula na concretização da proposta dos BI na UFBA. Essa questão é central para a consolidação do primeiro ciclo universitário em nossa instituição. Todo o esforço teórico e administrativo para materializar essas ideias se liquidifica se a relação do professor com seus alunos não se modificar em direção à inovação e a abordagens dialógicas.

Ouvir os estudantes e publicar suas dúvidas, inseguranças e/ou entusiasmo nos parece crítico na confirmação da educação geral, que privilegia as três culturas, avance e contamine a universidade com novas ideias pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ALMEIDA-FILHO, Naomar de. As Três Culturas Na Universidade Nova. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 5 -15, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1390>> Acesso em: 08 maio 2010.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA-FILHO, N. *A Universidade no Século XXI: para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2010.

ROMANELLI, Otaíza. *História da Educação no Brasil*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. *Diretrizes Gerais do REUNI*. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Termo de Referência de adesão da UFBA ao REUNI*. Salvador, 2007. Disponível em: <[www.ici.ufba.br/twiki/pub/.../UFBA\\_REUNI\\_TERMO\\_REFERENCIA.doc](http://www.ici.ufba.br/twiki/pub/.../UFBA_REUNI_TERMO_REFERENCIA.doc)>. Acesso em: 08 de maio de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Bacharelados Interdisciplinares: projeto pedagógico*. Salvador, 2008. Disponível em: <[http://www.portal.ufba.br/destaques/implant\\_reuni.pdf](http://www.portal.ufba.br/destaques/implant_reuni.pdf)> Acesso em: 08 de maio de 2010.

SANTOS FILHO, José Camilo. Educação geral na universidade como instrumento de preservação da herança cultural, religação de saberes e diálogos de culturas. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. *Universidade e Educação Geral. Para Além da Especialização*. Campinas: Alínea Editora, 2007. p. 17-64.